

## A COLONIZAÇÃO ALEMÃ E O DIALETO HUNSRÜCKISCH: ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA FALA DE MORADORAS DE PICADA CAFÉ/RS

Sofia Schemes Prodanov<sup>1</sup>

Rosemari Lorenz Martins<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo analisar a variação r-forte/r-fraco na fala de moradoras de Picada Café/RS. Para tanto, foram coletados dados de fala de 20 mulheres, os quais foram analisados utilizando-se pressuposto da teoria da variação (LABOV, 1972). A análise dos dados mostrou neutralização do rótico em apenas 33% da amostra. A pesquisa revelou também que as informantes com idade inferior a 29 anos e com nível escolar mais alto foram as que mais realizaram trocas. Esses dados podem ser um indicativo de que as pessoas mais jovens estejam começando a aceitar a condição de fazer essas trocas, algo bastante comum na comunidade em que vivem.

**Palavras-chave:** Fala. *Hunsrückisch*. Português brasileiro. Variação linguística. R-forte/R-fraco.

**Abstract:** This study aims to analyze the r-strong/r-weak variation in the speech of residents of Picada Café/RS. Therefore, speech data from 20 women were collected, which were analyzed using the assumption of the variation theory (LABOV, 1972). Data analysis showed neutralization of the rhotic in only 33% of the samples. The survey also revealed that informants younger than 29 years old and with a higher educational level were the ones who changed the most. These data may be an indication that younger people are beginning to accept the condition of making these exchanges, something quite common in the community in which they live.

**Keywords:** Speech. *Hunsrückisch*. Brazilian portuguese. Linguistic variation. R-strong/R-weak.

### 1 INTRODUÇÃO

Os primeiros imigrantes chegaram ao Brasil em meados de 1844, oriundos de uma região conhecida como Hunsrück, situada no sudoeste da Alemanha. As influências culturais dos imigrantes alemães podem ser encontradas ainda hoje em vários locais no Rio Grande do Sul, assim como no pórtico da entrada da cidade de Picada Café e Parque Histórico Municipal Jorge Kuhn, que trazem referências da arquitetura enxaimel, típica dos colonizadores alemães.

A população da cidade de Picada Café/RS ainda faz uso de um dialeto alemão brasileiro (SPINASSÉ, 2008), que resultou de uma adaptação linguística dos imigrantes alemães em suas

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Feevale, Bolsista de Aperfeiçoamento Científico do PPG Processos e Manifestações Culturais. E-mail: sofiasp@feevale.br

<sup>2</sup> Doutora em Letras (PUC/RS), professora na Universidade Feevale. E-mail: rosel@feevale.br

comunidades no Sul do Brasil. O dialeto alemão, conhecido como Hunsrückisch, falado no município é decorrente da colonização, já que os descendentes dos colonizadores buscaram não apenas preservar o patrimônio material da cidade, como foi mostrado anteriormente, mas também as tradições e a língua, como um elemento identitário utilizado para a preservação da história. Conforme Spinassé (2008, p.122), o Hunsrückisch, mesmo tendo sido alterado no Brasil, ainda tem uma base essencialmente germânica e “é uma das línguas brasileiras, sendo considerada, junto de outras línguas de imigração e indígenas, patrimônio cultural imaterial do país”.

Foi nesse contexto que se desenvolveu esta pesquisa, que teve como objetivo geral investigar as trocas entre róticos na fala de moradoras de Picada Café/RS e, como objetivos específicos, investigar quais são os contextos linguísticos em que as trocas ocorrem com mais frequência e quais são os contextos extralinguísticos que favorecem a troca entre esses fonemas. Para responder aos objetivos estabelecidos, coletaram-se dados de fala de 20 mulheres residentes em Picada Café/Rs, os quais foram analisados à luz da teoria da variação linguística.

## 2 A FALA E OS RÓTICOS

Para compreendermos os mecanismos da fala e, em específico, as influências do Hunsrückisch na fala em português de moradoras de Picada Café/RS, é importante trazer alguns aspectos sobre a fala e conceituar os róticos. A fala é o resultado do uso do aparelho fonador. Para acontecer, ela depende do funcionamento de um grande aparato que vai desde os lábios até o diafragma. Conforme Dubois et al. (2007), o ato da fala está dividido em três fases: a) articulação e fonação dos sons; b) propagação da mensagem através de ondas sonoras; c) interpretação da onda sonora pelo ouvido humano. Ou seja, primeiramente usamos nosso aparelho fonador, formado por um conjunto de órgãos do aparelho respiratório e digestivo, para reproduzirmos os fonemas desejados, e, para decifrarmos essas ondas sonoras, precisamos muito mais do que um ouvido. Para tanto deve haver, consoante Seara et al. (2011, p.11), “o reconhecimento da pronúncia de cada um dos interlocutores, pois, mesmo que tivessem os órgãos da fala e da audição em perfeito estado, essa comunicação poderia não ter sucesso se um deles não compreendesse a língua falada pelo outro”.

Os sons humanos produzidos na fala são chamados de fones ou segmentos. Eles constituem o sistema fonológico de uma língua que é constituído, no caso do português brasileiro, por sete vogais e dezenove consoantes, segundo Mattoso-Câmara (1976, p.31). O sistema vocálico organiza-se de forma triangular, como pode ser visto no Quadro 1.

Quadro 1 – Vogais do Português

	anteriores	central	posteriores	
Altas	/u/		/i/	
médias	/o/		/e/	(2º grau)
médias	/ɔ/		/ɛ/	(1º grau)
Baixa		a		
	posteriores	central	anteriores	

Fonte: Mattoso Câmara Jr. (1976, p.41).

A distribuição dos segmentos consonantais do português, por sua vez, se dá de acordo com o modo de articulação, o ponto de articulação e a sonoridade. Os fonemas em estudo, /R/ (erre forte) e /r/ (erre fraco), são classificados, de acordo com Bechara (2015, p.53), quanto ao modo de articulação, como "vibrantes quando o ápice da língua contra os alvéolos ou a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expiratória: /r/ (simples) e /rr/ (múltipla)"; quanto à zona de articulação, como alveolares (língua em direção ou contra os alvéolos); quanto ao papel das cordas vocais, como sonoras; e, quanto a função das cavidades bucal e nasal, em orais.

O português brasileiro é uma das muitas línguas em que os róticos são comuns, por isso eles podem sofrer muita variação, tanto em relação ao modo de articulação, quanto no que diz respeito à sonoridade. Os sons do *erre* passaram a chamar muito a atenção de linguistas, de acordo com Martins (2015, p.42-43),

[...] porque, além das diferentes pronúncias, que podem ser motivadas por fatores geográficos, étnicos, socioeconômicos ou, ainda, decorrer da faixa etária dos falantes ou de fatores linguísticos, não há consenso entre os pesquisadores no que tange à existência de um ou dois róticos no português brasileiro. Em função disso, a análise dos róticos não é simples.

Assim, para conseguirmos entender seu uso, é preciso olhar para todas as variáveis possíveis da fala. Essa variação não é um fenômeno novo, "não se trata de uma variação atual,

pois a coexistência de variantes de /r/, num mesmo dialeto, já era observada por Gonçalves Viana no final do século XIX" (FRAGA, 2006, p.2).

Para que os róticos sejam interpretados de uma maneira adequada, de acordo com Callou e Leite (2005, p.75), o aspecto fonético necessita ser considerado, pois, como são recorrentes, subordinam-se ao contexto linguístico e aos diferentes dialetos. Conforme o trabalho das pesquisadoras citadas, o /R/ “realiza-se quase sempre como uma vibrante apical simples, um tepe alveolar sonoro, embora possa apresentar uma realização retroflexa – como seu correspondente forte – que caracteriza o chamado dialeto ‘caipira’, ou seja, é mais propenso a variações” (CALLOU; LEITE, 2005, p.75). Ainda de acordo com Callou e Leite (2005), não há dúvidas de que no português, assim como em outras línguas românticas, como o espanhol, a articulação anterior do /R/ foi substituída por uma realização posterior. As autoras explicam essa mudança como necessária para articular as vibrações que produzem um erre apicoalveolar.

Mattoso Câmara, na década de 1950, não via diferença no rótico comparando palavras do tipo carro/caro, para ele existia somente um único fonema rótico, o /R/ (FRAGA, 2006). O /r/, era, para o linguista, um mero alofone de posição intervocálica, correspondendo, fonemicamente, “a um enfraquecimento, à maneira do que sofre o /b/, o /d/ e o /g/, determinado por essa posição” (MATTOSO CÂMARA, 1953, p. 19). Muitos linguistas discordaram da visão de Câmara Júnior, o que o fez repensar suas ideias e, após quase vinte anos, o autor reconheceu a existência de dois fonemas róticos no PB. Porém, a ideia de que o português brasileiro tem dois róticos ainda não é difundida.

## 2.1 A TROCA ENTRE RÓTICOS: REVISÃO DE LITERATURA

A troca entre róticos vem sendo pesquisada já há bastante tempo, especialmente no que tange à fala de bilíngues, falantes do português brasileiro e do *Hunsrückisch* ou do vênето. Uma dessas pesquisas sobre o uso da vibrante no Sul do Brasil foi realizada por Brescancini e Monaretto (2008, p.52). Essa investigação evidencia que "a vibrante pode se manifestar de diferentes maneiras, principalmente, em final de palavra. Já em início de sílaba, a sua realização caracteriza diferentes etnias do Estado, como as regiões de colonização alemã [...]". Outra pesquisa realizada por Monaretto (2009) teve como foco o projeto Atlas Linguístico da Região Sul, para o qual foram coletadas amostras de fala em zonas rurais da região Sul do Brasil. Essa investigação mostrou trocas em palavras como revólver e carro. No ataque simples, em 61% das palavras foi produzido o r-forte e, em 24%, o r-fraco. Já na cidade de Panambi, colonizada por alemães, a ocorrência de r-fraco chegou a 51%. Isso se explica, consoante a pesquisadora,

por motivos étnicos-culturais, já que Panambi é uma cidade em que uma grande porcentagem dos habitantes é bilíngue (falantes de português brasileiro e de *Hunsrückisch*).

Além das autoras apresentadas até esse momento, outras investigações realizadas podem ser consideradas referência nos estudos sobre o bilinguismo no Rio Grande do Sul, pois trazem pesquisas recentes acerca da utilização do *Hunsrückisch* por crianças em idade escolar; sobre as atitudes e concepções linguísticas de professores em comunidades bilíngues; sobre o bilinguismo português/alemão e a influência da oralidade na escrita; e, por fim, sobre as influências interlinguísticas na fala e na escrita de crianças bilíngues falantes do português e do *Hunsrückisch*. Todas essas pesquisas mostram a importância que o *Hunsrückisch* tem até hoje em muitas cidades do Rio Grande do Sul.

Sabrina Gewehr-Borella, em sua dissertação, intitulada “A influência da fala bilíngue hunsrückisch-português brasileiro na escrita de crianças brasileiras em séries iniciais”, defendida em 2010, na Universidade Católica de Pelotas, analisou e comparou as trocas de sonoridade de oclusivas no tripé produção escrita, percepção e produção oral de alunos monolíngues (PB) e bilíngues (PB e *Hunsrückisch*). Conforme a autora, o *Hunsrückisch*, língua de imigração usada majoritariamente no Sul do Brasil, foi o dialeto escolhido para a pesquisa, pois ela observou, em suas práticas em sala de aula, no interior da cidade de Ivoti/RS, as peculiaridades que as crianças, que tinham o *Hunsrückisch* como língua materna (L1) e o português brasileiro (PB) como segunda língua (L2), apresentavam em sua fala/escrita (GEWEHR-BORELLA, 2010, p. 17).

Com o objetivo de "esclarecer a razão do número maior de substituições de grafemas, representando as oclusivas surdas e sonoras [...], por falantes bilíngues *Hunsrückisch-PB*" (GEWEHR-BORELLA, 2010, p. 17), o estudo foi realizado em duas cidades do estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande e Picada Café, que foram escolhidas pelas características linguísticas de suas populações. Os participantes da cidade de Rio Grande eram, exclusivamente, monolíngues (PB) e os da cidade de Picada Café eram, em parte, monolíngues (PB) e, em parte, bilíngues (PB e *Hunsrückisch*). No total, participaram do estudo 87 alunos do Ensino Fundamental da cidade de Rio Grande e 96 da cidade de Picada Café.

Para verificar a influência da fala bilíngue *Hunsrückisch-PB* no PB, a autora utilizou como instrumento de coleta de dados testes de escrita, gravações da fala em PB e gravações da fala em *Hunsrückisch*; para verificar a influência na escrita, foram utilizados, como instrumentos de coleta, um bingo, as anotações da professora regente da turma e um caderno de redações.

Considerando o corpus analisado para esta pesquisa, podemos verificar que há claramente uma incidência maior de troca de ‘sonoridade’ das oclusivas na escrita de

crianças bilíngues [...] do que na de crianças monolíngues. O motivo para esta afirmação foi constatado não somente na análise quantitativa das amostras dos ditados, mas também foi corroborado pela verificação acústica da fala dos informantes bilíngues durante produções feitas em PB e Hunsrückisch. O elevado número de trocas também pode estar ligado a um processo de hipercorreção. (GEWEHR-BORELLA, 2010, p.70).

Como resultado do estudo, a autora ainda informou que as crianças monolíngues fizeram trocas de baixa frequência<sup>3</sup>, ao contrário dos alunos bilíngues, que tiveram uma porcentagem maior de trocas, consideradas erros de alta frequência.

[...] devemos deixar claro de que nem todas as crianças bilíngues apresentam trocas em suas escritas. Por alguma razão que ainda precisa ser investigada, algumas crianças bilíngues não apresentam dificuldade em suas escritas, não apresentando, portanto, a transferência grafô-fônico-fonológica constatada neste trabalho. Para que as trocas grafêmicas possam diminuir, em todos os grupos participantes, acreditamos que um pouco da instrução direta e específica deveria voltar a ocorrer no processo de alfabetização. (GEWEHR-BORELLA, 2010, p. 168).

A análise dos dados mostrou que alguns dos participantes não apresentaram transferências. Conforme a autora, cada indivíduo percebe o mundo de forma diferente, pois parte de suas experiências e expectativas, por isso a importância de observar cada um dos dados com um olhar singular. A esse respeito, MacWhinney (apud GEWEHR-BORELLA, 2010, p.172), diz que:

o aprendiz traz consigo, para a aprendizagem de uma segunda língua, características de seu primeiro sistema linguístico, além de aspectos não-linguísticos, bastante relevantes para o processo de aprendizagem, como o conhecimento de mundo, por exemplo.

Gewehr-Borella (2010) informou que a pesquisa também concluiu que, nos três tipos de dados – escrita, percepção e produção de fala -, ela pode observar dois tipos de transferências: as grafo-fônico-fonológicas e as fonético-fonológicas. As primeiras resultaram da transferência da fala para a escrita e as segundas, da dificuldade de percepção das diferenças acústico-articulatórias entre L1 e L2. A autora também afirma que alguns dos participantes apresentaram uma correlação positiva entre a taxa de trocas de alguns grafemas e os erros de percepção e produção de fala desses segmentos o que, para Gewehr-Borella (2010), pode sugerir que os processos de produção escrita, oral e percepção possam estar relacionados.

Maria Nilse Schneider, na tese intitulada "Atitudes e concepções linguísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngues alemão-português do Rio Grande do Sul" (UFRGS, Porto Alegre, 2007), analisou a relação da língua alemã com a portuguesa nas práticas de 20 professores em comunidades rurais bilíngues no Rio Grande do

---

<sup>3</sup> "Palavras de alta frequência são aquelas com alto índice de ocorrência, já as de baixa frequência com baixo índice de ocorrência" (MACEDO, et al 2007, p.277).

Sul. Segundo Schneider (2007), o bilinguismo no Sul do Brasil é uma característica bastante significativas. Nas regiões bilíngues, o português, em contato com línguas de imigração, apropriou-se de características específicas que se refletem em traços fonético-fonológicos, morfossintáticos, semântico-lexicais e pragmático-discursivos característicos.

O objetivo principal da pesquisa de Schneider (2007) foi

promover uma conscientização sociolinguística sobre a necessidade de os professores desconstruírem os preconceitos linguísticos, em relação às ‘interferências’ interlinguais na aprendizagem de uma L2 e às supostas ‘dificuldades’ frequentemente atribuídas a crianças bilíngues, bem como ressaltar a importância de fomentarmos o bilinguismo societal e implementarmos o ensino bilingue em comunidades bilíngues. (SCHNEIDER, 2007, p.14-15).

Foi a partir de experiências pessoais que a autora teve a motivação para esse estudo, pois, durante seu convívio com crianças multilíngues na escola, percebeu o quanto o preconceito linguístico estava presente no ambiente escolar. Esse preconceito manifesta-se como um lugar onde o "certo" e o "errado" são enfatizados, quando a escola está preocupada em ensinar o português padrão. Segundo Schneider, “de certa forma, o sistema educacional impõe esse paradigma aos professores, o qual, no entanto, muitas vezes, implica discriminação e exclusão social e/ou linguística” (SCHNEIDER, 2007, p. 17).

Os procedimentos metodológicos usados na pesquisa foram, a partir do discurso didático-pedagógico, questionários, entrevistas e comentários informais. Além disso, foram usadas gravações audiovisuais e observações de sala de aula.

Na descrição e análise do discurso didático-pedagógico, focalizamos as experiências dos professores e as suas reflexões e interpretações sobre elas, bem como o seu contexto sociocultural e sociolinguístico e a forma como eles moldam as suas experiências. Na descrição e análise de suas práticas sociais, focalizamos o modo como as suas concepções se refletem no tratamento que conferem ao uso de alemão em aula e às ‘trocas de letras’, bem como a co-construção da estigmatização social de traços de fala e de seus falantes. Através dessa combinação metodológica pudemos traçar o perfil sociolinguístico das comunidades de fala e dos professores e proporcionar uma descrição e análise mais aprofundada de suas atitudes e concepções linguísticas, observadas em seu fazer didático-pedagógico, pois, em diversos momentos da produção e análise documental dos dados, ambos os métodos puderam exercer funções de complementaridade, o que permitiu inter-relacionar os diferentes resultados (SCHNEIDER, 2007, p.121-122).

Como resultados dessa pesquisa, foram observados diversos fatores sociolinguísticos que pareceram constituir características da fala do grupo de estudos. Dentre esses fatores, a autora destaca “o uso alternado de alemão e português, as (des)sonorizações dos fonemas /b, d, g, ʒ/ < > /p, t, k, s/ e a neutralização da vibrante, isto é, o [r] forte é pronunciado como tepe” (SCHNEIDER, 2007, p. 138). De acordo com a visão dos professores, essas trocas ocorrem por causa do contato que a criança tem com as duas línguas, português e alemão. Lembrando que,

no Sul do Brasil, é muito comum falar alemão em casa, principalmente com pessoas mais velhas, e usar o português em ambiente escolar.

A interação desses fatores favoreceu a manutenção do HR, de tal modo que, 150 anos após a chegada dos primeiros imigrantes alemães (1856 - 2006), o repertório linguístico destas comunidades constitui-se, primordialmente, pela alternância de português e HR. Até mesmo na 5ª geração a sua manutenção é bastante elevada, pois entre os 312 alunos, 170 (54%) referiram ter um alto grau de domínio dessa variedade. Todavia, a maioria dos alunos da escola A (inserida em área urbana) referiu ter um baixo ou nenhum grau de domínio e uso de HR na família, enquanto nas escolas B e C (inseridas em áreas exclusivamente rurais) a maioria referiu ter um alto grau de domínio e uso de HR na família, o que se confirma na análise das gravações de aulas (SCHNEIDER, 2007, p. 247).

Esse estudo é importante porque promove uma reflexão a respeito da complexidade sociolinguística e cultural que existe em comunidades multilíngues. Quando a autora informa que 54% dos alunos ainda alternam a língua de seus antepassados com a língua portuguesa, isso fica muito claro, ou seja, a influência dos costumes e das tradições que fazem parte da cultura de uma comunidade não pode ser desconsiderada pelos profissionais da educação sob pena de não conseguirem compreender de forma satisfatória o processo de ensino-aprendizagem.

O artigo intitulado "Bilinguismo português/alemão: a influência da oralidade na escrita", de autoria de Glívia Nunes, Ketlin Perske e Giovana Ferreira-Gonçalves, publicado no ano de 2010, na Revista Ideias (UFSM), apresenta as dificuldades na escrita de crianças bilíngues (português/alemão) da cidade de Agudo/RS, levando em conta as interferências entre essas línguas. O objetivo geral da pesquisa foi identificar, descrever e analisar dificuldades de escrita, levando em conta o bilinguismo de crianças do 2º, 4º e 6º ano de uma escola da zona rural de Agudo/RS, cidade de colonização alemã. Já os objetivos específicos foram investigar a influência da oralidade na escrita; detectar os erros ortográficos mais frequentes na escrita dos alunos; identificar a relação do dialeto alemão com os erros ortográficos e verificar a ocorrência de alterações nas hierarquias de restrições.

Segundo as autoras,

[...] nessa cidade, grande parte da população não só possui descendência, como também fala o alemão. O dialeto falado no município é o *Hunsrückisch*. Também é importante ressaltar que é oferecido às crianças, nessa escola, o aprendizado do alemão-padrão como língua estrangeira a partir da 5ª série, mas muitas delas aprenderam a variedade de imigração (NUNES, PERSKE, FERREIRA-GOLÇALVES, 2008, p. 2).

A metodologia utilizada na pesquisa consistiu em uma coleta de dados longitudinal, nos anos de 2008, 2009 e 2010, mas os dados apresentados no trabalho são referentes ao ano de 2008. O corpus foi constituído de 56 narrativas orais e escritas, obtidas a partir de produções de crianças do 2º, 4º e 6º ano de uma escola de ensino fundamental da cidade citada. Para a coleta de dados das narrativas orais, foi utilizado um gravador e, para as narrativas escritas, cada aluno



recebeu uma folha, juntamente com a cópia de um livro sem escrita, para que pudesse escrever a narração da estória. Para coletar os dados,

individualmente, cada sujeito foi chamado em uma sala de aula e, após folhear o livro, o entrevistador solicitava que a criança narrasse oralmente o que se passava com a personagem principal da estória. As narrativas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Para as coletas das narrativas escritas, foi ocupado um período (50 min) das aulas de português de cada turma. Na própria sala de aula, cada aluno recebeu uma folha de redação e uma cópia do livro *Frog, where are you?* a fim de narrar, por escrito, a estória. Os erros detectados na oralidade e na escrita foram classificados por tipo de processo fonológico e por sujeito (NUNES, PERSKE, FERREIRA-GOLÇALVES, 2008, p. 7).

Os resultados da pesquisa mostram trocas de fonemas nas narrativas orais e na escrita.

Na oralidade, foi detectado um processo de troca de líquidas, a troca do r-forte /X/ pelo r-fraco [r], como em cacho[r]o, por exemplo. Também foram verificados o processo de não-palatalização do /t/ e do /d/, o processo de semivocalização, quando trocam /L/ por [j], como em abe[j]a, e a troca /aw/ por [on], como ch[on], por exemplo (NUNES, PERSKE, FERREIRA-GOLÇALVES, 2008, p. 7).

Percebeu-se, também, que, quanto maior o ano escolar do aluno, maior o número de processos manifestados: “o sujeito Gio (6º ano) manifestou 31 ocorrências, enquanto o sujeito Raq, (4º ano) apresentou apenas 9 ocorrências e o aluno Éd (2º ano) totalizou 11 ocorrências” (NUNES, PERSKE, FERREIRA-GOLÇALVES, 2008, p. 7). Levando em conta os dados apresentados em relação à escrita, as autoras informam que

os processos de dessonorização, como /g/ por [k] e /b/ por [p], como em [c]urishinho e [p]uraco, respectivamente. Processos de sonorização também foram encontrados, são eles: /k/ por [g] e /t/ por [d], como em ja[g]aré e [d]inha Além disso, foi verificada a troca de líquidas, quando substituem o r-forte /r/ pelo r-fraco [r] (NUNES, PERSKE, FERREIRA-GOLÇALVES, 2008, p. 7).

Novamente detectou-se que, quanto maior o ano escolar, mais trocas eram cometidas, assim como aconteceu nos dados da oralidade. Considerando que, quanto maior a idade dos alunos, maior a incidência de processos de trocas apresentados por eles, concluiu-se que o dialeto alemão tem uma grande influência na fala e na escrita, “pois os erros encontrados nas produções escritas dos sujeitos estão relacionados a processos fonológicos aplicados à oralidade” (NUNES, PERSKE, FERREIRA-GOLÇALVES, 2008, p. 11).

As autoras finalizaram seu artigo fazendo referência a outros autores que corroboram suas conclusões, dizendo que o sujeito bilíngue já foi objeto de muitas pesquisas e que as alterações percebidas na escrita da língua portuguesa são resultantes da interferência de outra língua, no caso, a alemã. Para Gärtner (apud NUNES, PERSKE, FERREIRA-GONÇALVES, 2008), essas interferências seriam as divergências ortográficas gerais e de origem na fonética, as divergências lexicais por uso de palavras erradas ou não convenientes na língua padrão e as divergências lexicais por uso de vocábulos dialetais.

A conclusão das autoras, a partir dos resultados da pesquisa, é que o confronto entre o dialeto alemão e o português reflete na escrita dos alunos, já que, quando eles começam a frequentar a escola, não falam com fluência a língua portuguesa e se direcionam para a oralidade da língua alemã.

Rosemari Lorenz Martins, em sua tese intitulada "Influências interlinguísticas na fala e na escrita de crianças bilíngues falantes do português e do *hunsrückisch*: consoantes oclusivas, fricativas e róticas", defendida na PUC/RS, no ano de 2013, analisou as influências interlinguísticas na fala de crianças bilíngues falantes de português brasileiro (PB) e da língua de imigração *Hunsrückisch* em fase de alfabetização nas zonas urbana e rural da cidade de Morro Reuter/RS. De acordo com Martins (2013), o objetivo da pesquisa foi investigar as trocas relativas às consoantes oclusivas, fricativas e róticas, a partir dos processos de sonorização, dessonorização, neutralização e potencialização, e identificar as influências extralinguísticas que levam a criança a fazer, ou não, trocas. A pesquisadora pretendeu, também, “identificar o papel de contextos linguísticos e a influência do tempo de escolaridade, do sexo e da zona de moradia dos informantes (rural e urbana) em cada um dos processos” (MARTINS, 2013, p.7).

Segundo a autora, é possível que a dificuldade na escrita tenha conexão com o bilinguismo, já que falantes de uma L2 recorrem à L1 quando necessário. Assim, a pesquisa foi desenvolvida para entender onde e por que esse fenômeno ocorre. Outra questão apresentada na tese diz respeito aos fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam as trocas de fonemas, as quais são importantes para uma melhor compreensão do fenômeno estudado, pois conforme a autora, o tempo de escolaridade, o sexo e a zona de moradia – rural ou urbana - dos informantes têm influência relevante no processo estudado, assim como o contexto em que os fonemas em estudo ocorrem: início ou meio de palavra, em posição tônica, pré-tônica ou pós-tônica.

O corpus da pesquisa foi constituído por 104 indivíduos, dentre eles, 72 crianças e 32 adultos. Sobre os informantes adultos a pesquisadora informou:

A amostra dos informantes adultos ficou estabelecida após a definição do grupo de crianças bilíngues, já que foi composta pelos pais ou pelas mães e pelas avós das crianças bilíngues participantes. Para a obtenção de dados mais fiéis, estabeleceu-se que, no que se refere a pais e avós, participaria da pesquisa a pessoa que passasse mais tempo com a criança. (MARTINS, 2013, p.120).

Para a realização da pesquisa, foram utilizados sete instrumentos, seis para as crianças e um para os adultos.

Às crianças bilíngues, foram aplicados a) dois instrumentos para a coleta de dados de fala, em momentos distintos, e b) dois instrumentos para a coleta de dados de escrita, também em momentos distintos. Nos dois casos, o objetivo foi a obtenção de quantidade suficiente de ocorrências e, conseqüentemente, fidedignidade de resultados. Adicionalmente, foram

aplicados c) um teste de reconhecimento de sons produzidos com troca na primeira amostra de fala e d) um teste de conhecimento ortográfico, com base na identificação de erros de ortografia produzidos no primeiro ditado aplicado (MARTINS, 2013, p. 121).

No que tange aos resultados obtidos por Martins (2013), interessam a esta pesquisa as conclusões relativas aos róticos, mais especificamente, o processo de neutralização. Segundo Martins (2013, p.106),

A neutralização do rótico é, seguramente, o processo mais recorrente. Devido à alta frequência, que passa despercebido como um traço socialmente marcado e estigmatizado pelos falantes locais, a ponto de nem mesmo os professores perceberem sua própria produção de tais trocas, como mostrou a pesquisadora. (MARTINS, 2013, p. 106).

Ou seja, a troca do rótico na fala é recorrente, muitas vezes, passa até despercebida, pois é um processo que está enraizado nas comunidades bilíngues (PB/HR). Frequentemente, nem mesmo os professores percebem esse fenômeno. Contudo, para a autora, se pensarmos nesse fenômeno no PB, em posição intervocálica, o contraste fonêmico é muito grande, podendo muitas vezes influir no sentido das palavras, o que não acontece no HR, já que nessa língua o único rótico existente é o r-fraco.

No PB, esse abrandamento provoca certo estranhamento, principalmente em posição intervocálica, porque o contraste fonêmico entre r-forte e r-fraco influi, quando estão fora do contexto, no significado das palavras, como em carro e caro e murro e muro. O sentido dessas palavras, no entanto, pode ser depreendido pelo contexto em que são produzidas, o que minimiza o problema da troca e, possivelmente, diminui o estigma relacionado à neutralização para os falantes bilíngues. Além disso, no alemão padrão, da mesma forma como no HR, só existe um rótico, o r-fraco, e não há nenhum caso de oposição lexical que envolva diferentes tipos de róticos (1996) (MARTINS, 2013, p.107).

Os resultados gerais da pesquisa da autora sugerem, contudo, que nem todos os processos fonético-fonológicos de trocas resultam da influência do HR no PB.

Esses resultados mostram que, apesar de os processos fonético-fonológicos de trocas verificados nas duas modalidades da língua serem os mesmos, os fatores que condicionam as trocas são diferentes, o que revela que as trocas possuem motivações diferentes para a fala e para a escrita (MARTINS, 2013, p. 268).

Além disso, os mesmos processos de troca na escrita foram percebidos também nas amostras de indivíduos monolíngues, principalmente quanto à neutralização dos róticos.

Dessa forma, apenas as trocas motivadas por sonorização e dessonorização parecem resultar de alguma influência do HR, já que, nesses casos, o percentual de trocas das crianças bilíngues foi bem superior ao verificado entre as monolíngues. (MARTINS, 2013, p. 269).

Com base nas pesquisas apresentadas até aqui, nas quais os autores apresentam de que forma acontece a utilização do *Hunsrückisch* por crianças em idade escolar, como o bilinguismo português/alemão influencia na escrita e nas atitudes e concepções linguísticas de professores nessas comunidades bilíngues e como se dão as influências interlinguísticas na fala e na escrita de crianças bilíngues falantes do português e do *Hunsrückisch*, é possível concluir que,

especialmente no que diz respeito à troca entre róticos, as crianças bilíngues (falantes de português brasileiro e *Hunsrückisch*) tendem a neutralizar a vibrante múltipla em sua fala em português. Todavia, fica evidente, além disso, que, no que diz respeito à escrita, a troca de ‘rr’ por ‘r’, como na escrita de ‘caroça’ para ‘carroça’, ocorre também na escrita de crianças monolíngues, o que sugere que esse tipo de escrita se deve ao desconhecimento do uso do dígrafo ‘rr’.

Ainda quanto às trocas na escrita, estudos como o de Cagliari (2002) e de Martins (2013) referem que as trocas vão diminuindo à medida que avança o processo de escolarização. Na fala, todavia, parece que as trocas permanecem na fala adulta. É nessa hipótese que se baseia este trabalho, que objetiva investigar as trocas entre os fonemas /R/ e /r/ na fala de mulheres adultas da cidade de Picada Café/RS.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia desta pesquisa caracteriza-se, do ponto de vista de sua natureza, como básica, porque teve como objetivo produzir conhecimentos para avançar nos estudos de variação linguística (PRODANOV; FREITAS, 2013). Não se prevê uma aplicação prática dos conhecimentos produzidos no âmbito deste trabalho, mas eles servirão para traçar um breve panorama da fala de moradoras de Picada Café/RS. A abordagem do problema é de ordem quanti e qualitativa, pois, em um primeiro momento, foram coletados dados de fala os quais foram analisados estatisticamente, mas, em um segundo momento, os resultados dessa análise foram interpretados e atribuíram-se significados a cada um deles.

Quanto ao objetivo, a pesquisa é descritiva, pois apresenta características de uma população através de coleta de dados, sem manipulá-los, procurando descobrir a frequência com que as trocas entre róticos ocorrem, a natureza dessas trocas e suas motivações (PRODANOV; FREITAS, 2013). E, do ponto de vista dos procedimentos técnicos, foi realizado um levantamento de dados. O levantamento de dados deu-se através da pesquisa de campo, utilizada para obter informações sobre um problema para o qual buscaram respostas. Esse tipo de pesquisa “consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.59).

Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram 20 mulheres residentes no município de Picada Café/RS. As participantes foram escolhidas a partir de indicação de pessoas que residem no município. A pesquisadora entrou em contato com essas pessoas pelo aplicativo *WhatsApp*,

explicando os objetivos da pesquisa e seu percurso metodológico de uma forma resumida e simplificada, dizendo que seus nomes não seriam divulgados, pois os informantes seriam nominados como Informantes A, B, C e, assim por diante, para preservar sua identidade, já que essa é uma questão importante que diz respeito à ética em pesquisa.

A todas as participantes foi solicitada a autorização para a utilização de suas respostas, após explicar os objetivos do estudo e assegurar o anonimato, a confidencialidade e a privacidade das informações prestadas, assim como esclarecer que as informações obtidas serão utilizadas somente para fins acadêmicos, sendo facultada a cada uma a decisão de aceitar ou não, bem como de desistir da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum ônus ou prejuízo.

A coleta de dados foi feita através de áudio no *WhatsApp*. Para isso, foram enviadas seis imagens, conforme pode ser visualizado no Quadro 2 a seguir. As imagens foram tiradas da internet. Foi pedido às entrevistadas que criassem uma historinha em que aparecessem os nomes dos objetos, das pessoas ou dos animais representados nas imagens.

Quadro 2 – Formulário da pesquisa de campo



Fonte: Elaborado pelas autoras

Para cada imagem, foram pensadas palavras específicas que poderiam aparecer na fala das informantes para que elas falassem oralmente os fonemas-alvo do estudo. As palavras-alvo foram escolhidas para que os fonemas em estudo estivessem “localizados em duas posições na palavra morfológica (início e meio) e em três posições silábicas, de acordo com a tonicidade (pré-tônica, tônica e pós-tônica)” (MARTINS, 2015). As palavras selecionadas são apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3 – Palavras-alvo da pesquisa de campo

<b>Imagem</b>	<b>Palavras</b>
1	Rinoceronte, girafa.
2	Buraco, bueiro, dinheiro.
3	Cachorro, carinho.
4	Carro, rua.
5	Carruagem, roda.
6	Rei, rainha, reino.

Fonte: Elaborado pelas autoras

Após a coleta de dados, as palavras que incluíam os fonemas-alvo da pesquisa foram transcritas e codificadas para a realização da análise através do programa GoldVarb X, que, segundo Guy e Zilles (2007, p.105), “é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” que surgiu a partir do pacote de programas conhecido como *Variable Rules - VARBRUL*, o qual tinha um programa específico para cada ação.

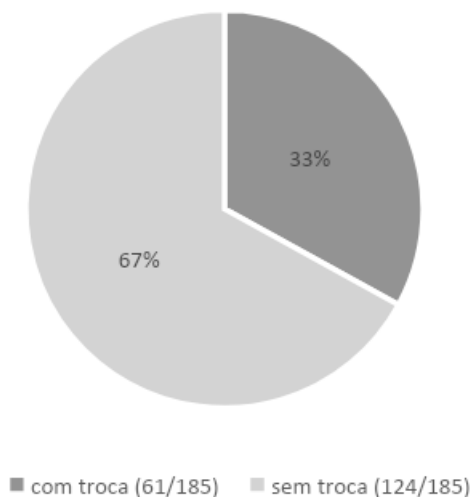
Foram analisadas, nesta pesquisa, as variáveis linguísticas posição do fonema na palavra e tonicidade e as variáveis extralinguística escolaridade e faixa etária. Essas variáveis foram definidas a partir da revisão dos trabalhos já realizados sobre o tema que indicaram essas variáveis como relevantes para a troca entre róticos. A variável *posição do fonema-alvo* refere-se a início da palavra, como em *rainha*, ou ao meio da palavra, como em *carro*. A variável *tonicidade* pode estar em posição tônica ou átona, por isso foram levadas em consideração as seguintes variáveis: pré-tônica (ex: ratoeira, carruagem); pós-tônica (ex: cachorro) ou tônica (ex: rato, carroça). Para a análise das variáveis independentes extralinguísticas, foram considerados: a) Escolaridade (Ensino fundamental completo; Ensino médio completo; Ensino superior completo) e b) Idade (10-29; 30-49; 50-69).

Os dados desta pesquisa foram analisados a partir dos autores apresentados no referencial teórico, ou seja, a interpretação dos dados e as discussões da pesquisa de campo foram realizadas levando em consideração resultados já descritos e os objetivos desta pesquisa. Para a organização dos dados coletados, foram elaborados quadros e gráficos para facilitar a visualização dos resultados de maneira a auxiliar na resposta da questão norteadora desta pesquisa. Segundo Prodanov e Freitas (2016), nessa fase, é importante a comparação com a literatura existente, de forma a compreender com mais amplitude os dados coletados.

#### 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise da frequência global mostrou que a troca entre róticos foi bastante alta para o público investigado, como pode ser visto no Gráfico 1.

Gráfico 1: Frequência global



Fonte: elaborado pelas pesquisadoras

Observando-se o Gráfico 1, vê-se que, de um total de 185 ocorrências do rótico, ocorreu troca em 61, o que equivale a 33%. Esse resultado, embora revele uma frequência de troca alta, é inferior ao percentual verificado por Martins (2013), que encontrou 76,6% de neutralizações na fala de adultos de Morro Reuter/RS.

Analisando-se individualmente cada uma das informantes, vê-se, contudo, que a frequência alta de trocas não ocorreu de modo uniforme na fala de todas as informantes. Como pode ser visualizado no Quadro 4, a seguir, as informantes A, C, D, E, G, H, L, P, Q, R e S não realizaram nenhuma troca, o que equivale a 55% do total de participantes. Já 4 delas (B, F, M e O), o que equivale a 20% do total, fizeram troca em todos os róticos que produziram. As demais participantes (I, J, K, N e T) fizeram entre 11,1% e 64,3% de trocas.

Quadro 4 - Percentual de trocas por informante

INFORMANTE	PRODUÇÃO	PERCENTUAL
A	0/25	0%
B	11/11	100%
C	0/6	0%
D	0/6	0%
E	0/6	0%
F	15/15	100%

G	0/3	0%
H	0/16	0%
I	6/11	54,4%
J	1/9	11,1%
K	3/5	60%
L	0/11	0%
M	5/5	100%
N	9/14	64,3%
O	10/10	100%
P	0/20	0%
Q	0/1	0%
R	0/9	0%
S	0/9	0%
T	1/2	50%

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras

Dando continuidade, a análise estatística realizada mostrou que as variáveis *posição do fonema-alvo na palavra morfológica, tonicidade e idade* das informantes não representam um papel significativo para as trocas entre róticos, considerando o público em estudo. Assim, a única variável que se mostrou relevante para a aplicação do fenômeno foi a escolaridade. Os resultados para essa variável são apresentados na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 – Nível de escolaridade

sexo			
Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
médio	11/67	16,4%	0,301
superior	50/118	42,4%	0,617
<b>TOTAL</b>	61/185	33,0%	

Input: 0,313

significance: 0,000

Fonte: elaborado pelas pesquisadoras

Observando a Tabela 1, podemos perceber que os entrevistados com ensino superior fizeram troca dos róticos em 42,4% dos casos (50/118), isto é, ocorreu troca em 50 das 118 ocorrências. Isso equivale a um peso relativo de 0,617. Já os informantes com ensino médio, realizaram trocas em apenas 16,4%, em 11 das 67 possibilidades, o que equivale a um peso relativo de 0,301. Esses resultados mostram que, contrariando as expectativas, as informantes com ensino superior se mostraram mais suscetíveis a realizar trocas. O peso relativo 0,617 mostra que o contexto ensino superior é favorável para a troca, enquanto o contexto ensino médio, com peso relativo 0,301 mostra-se pouco favorável para a troca.

Esse resultado, embora surpreendente, já que se esperaria que as trocas diminuíssem à medida que avança a escolaridade, conforme propõem Cagliari (2002) e como foi verificado







Analisados todos os dados coletados, pode-se dizer que a frequência de troca do rótico foi bastante alta entre as participantes da pesquisa (33%). Entre as variáveis analisadas (linguísticas e sociais), somente a variável social escolaridade mostrou-se estatisticamente relevante para o fenômeno da troca. Inesperadamente, as informantes com ensino superior fizeram mais trocas do que as que possuem ensino médio. Esse resultado não era esperado, porque, segundo a literatura, as trocas vão diminuindo com o avanço da escolaridade, o que não se verificou neste caso. Isso pode decorrer do fato de as informantes serem todas adultas que trabalham na cidade em que a pesquisa foi realizada, localidade em que boa parte da população neutraliza naturalmente o rótico. Sendo assim, esse tipo de troca não é estigmatizado, na verdade, nem é percebido pela maioria das pessoas.

O resultado causa ainda mais estranheza quando se verifica que foram as mulheres com idade entre 10 e 29 que mais trocaram o rótico, embora essa variável não tenha sido selecionada como relevante. Parte desse público, possivelmente, ainda está na escola, espaço que, na maioria das vezes, é responsável pelas mudanças na fala. Isso pode decorrer do fato de que os jovens, hoje em dia, estão aceitando mais suas características linguísticas pessoais e não tentando mudar sua fala para se encaixar na grande maioria da população.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho procurou analisar em que medida moradoras de Picada Café/RS fazem trocas entre r-forte e r-fraco em sua fala em português brasileiro. Para tanto, foram analisados contextos linguísticos e extralinguísticos em que essas trocas ocorrem. Para atingir os objetivos previstos, coletaram-se dados de fala de 20 moradoras da cidade de Picada Café/RS. Os dados obtidos foram analisados de acordo com variáveis linguísticas e sociais pré-estabelecidas pela pesquisadora, como idade, nível de escolaridade e posição do fonema da palavra e tonicidade.

A partir da análise dos 185 dados de fala obtidos, observou-se que, em 67% dos contextos analisados, não houve troca do rótico. Verificou-se, também, que, das vinte informantes da pesquisa, 55% não realizaram nenhuma troca; já quatro informantes, o que equivale a 20% do total, trocaram todos os róticos que produziram. As demais cinco participantes realizaram trocas entre 11,0% e 64,3% dos róticos produzidos. Com base nisso, pode-se dizer que a frequência alta de trocas não ocorreu de modo uniforme entre as informantes desta pesquisa.

No que diz respeito à posição do fonema trocado na palavra, as trocas foram mais frequentes quando o rótico estava no início da palavra, resultado que também foi encontrado

por Ferreira-Gonçalves, Nunes e Perske (2009), Gewehr-Borella (2010) e Martins (2013). Quanto à tonicidade do fonema em estudo, os resultados da investigação foram muito parecidos, considerando-se as posições tônica, pré-tônica e pós-tônica. Por esse motivo, o programa de análise estatística não destacou essa variável como relevante, assim como também vimos no estudo de Martins (2013).

Em relação ao fator escolaridade, contrariando as expectativas, as informantes com ensino superior realizaram mais trocas do que aquelas com ensino médio. Além disso, foram as informantes mais novas (idades entre 10 e 29 anos) que mais trocaram o rótico. Segundo a literatura, quanto maior o nível escolar, menor o índice de trocas, porém, o que se descobriu, para este grupo de informantes, foi justamente o contrário. Esse resultado pode ser um indicativo de que as pessoas mais novas estejam começando a aceitar a condição de fazer essas trocas, algo tão comum na comunidade na qual vivem.

É possível pensar, também, que, por um período, essa característica linguística dos moradores de Picada Café/RS não era vista de forma positiva, visto que muitos que hoje são adultos não têm ou têm baixa frequência dessas trocas dos róticos. Essas mulheres, com idade inferior a 29 anos, e que falam da maneira característica da cidade, além de estarem aceitando essa condição de descendentes de alemães com essa característica linguística também ajudam a preservar essa particularidade da língua.

Por meio deste estudo, que se insere na área da Sociolinguística, podemos entender o fenômeno da troca entre róticos encontrado na fala cotidiana de algumas moradoras da cidade em questão e percebemos como a cultura é dinâmica e interfere nas análises embasadas na literatura científica. Em outras palavras, podemos inferir que os hábitos culturais das pequenas comunidades estão sendo valorizados em suas especificidades e seus moradores não se submetem a uma cultura considerada hegemônica.

Podemos considerar os resultados deste trabalho muito satisfatórios, porém entendemos importante comentar sobre a dificuldade de encontrar pessoas dispostas a participar desta pesquisa. Foram meses de procura por mulheres que se dispusessem a contribuir e muitas solicitações encaminhadas e não respondidas. Em função da pandemia de Covid-19, tivemos que realizá-la através do aplicativo de mensagens WhatsApp, o que, com certeza, dificultou a interação da pesquisadora com as participantes, porém, foi a única forma viável de concluir o trabalho

Entendemos que ainda existem possibilidades de futuras pesquisas sobre variação linguística na região estudada, que poderão ser realizadas com um público diferenciado em relação ao gênero, idade, escolaridade entre outros.

## REFERÊNCIAS

AÇOUGUE PROGRESSO. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1051655-5598,00-ACOUGUE+CENTENARIO+VIRA+MUSEU+NO+RS.html>. Acesso em 07/11/2020.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. (orgs.) **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, p. 289-315, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 38 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna. 2015.

BRESCANCINI, Claudia. MONARETTO, Valéria. **Os róticos no Sul do Brasil: panoramas e generalizações**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à Fonética e a Fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DUBOIS, Jean (et al). **Dicionário de Linguística**. 15 ed. São Paulo: Cultrix. 2007.

FLORES, Hilda A. Hübner; FLORES, Moacyr. **Picada Café**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996.

FRAGA, Letícia. Os róticos no português de Carambeí/PR. **Estudos Linguísticos**. XXXV, 2006, p. 1113-1122. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/903.pdf>. Acesso em 13/09/2020.

GEWEHR-BORELLA, Sabrina. **A influência da fala bilíngue Hunsrückisch-Português brasileiro na escrita de crianças brasileiras em séries iniciais**. 2010. 205f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística Aplicada) - Pós-Graduação em Letras. Universidade Católica de Pelotas: Pelotas, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana Maria. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

MACEDO, E.C; LUKASOVA, K.; YOKOMIZO, J.E.; ARIENTE, L.C.; KOAKUTU, J.; SCHWARTZMAN, J.S.

**Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**. v. 11 n. 2, Jul/Dez 2007, p. 275-283.

MAPA PICADA CAFÉ. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Picada\\_Caf%C3%A9](https://pt.wikipedia.org/wiki/Picada_Caf%C3%A9). Acesso em 07/11/2020.

MARTINS, Rosemari Lorenz. Influências intralinguísticas do Hunsrückisch na escrita em português brasileiro por crianças bilíngues do 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental da cidade de Morro Reuter/RS. **Organon**. Porto Alegre. v.30, n.58, p.109-125, jan/jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Influências Interlinguísticas na Fala e na Escrita de Crianças Bilíngues Falantes do Português e do Hunsrückisch: Consoantes Oclusivas, Fricativas e Róticas.** Tese (doutorado) – PUC-RS, Porto Alegre, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MATTOSO CÂMARA, JR., J. **Para o estudo da fonêmica portuguesa.** Rio: Coleção Rex. Edição da “Organização Simões”, 1953.

METZ, Vivian Gabriela. **Nova Petrópolis e Picada Café: redes municipais de educação que têm a ensinar sobre sucesso escolar.** Novo Hamburgo: 2018. 105 p. Dissertação (Mestrado Profissional Letras), Universidade Feevale, 2018.

MOINHO. Disponível em [http://www.picadacafe.rs.gov.br/turismo\\_int.php?id=8](http://www.picadacafe.rs.gov.br/turismo_int.php?id=8). Acesso em 30/09/2020.

MONARETTO, V. N. de O.; QUEDNAU, L. R. & DA HORA, D. In: BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 205-246.

PARQUE HISTÓRICO MUNICIPAL JORGE KUHN. Disponível em: [http://www.picadacafe.rs.gov.br/turismo\\_int.php?id=16](http://www.picadacafe.rs.gov.br/turismo_int.php?id=16). Acesso em 30/09/2020.

PERSKE, Ketlin E.; Nunes, Glivia Guimarães; Ferreira-Gonçalves, Giovana. **O bilinguismo português/alemão: a influência da oralidade na escrita.** *Revista Ideias* (UFSM), v. 25, p. 1-12, 2010.

PICADA CAFÉ. Disponível em: <http://www.picadacafe.rs.gov.br/>. Acesso em 30/09/2020.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <https://www.turismo.rs.gov.br/cidade/243/picada-cafe#sobre>. Acesso em 30/09/2020.

PÓRTICO DE PICADA CAFÉ. Disponível em: <https://expansao.co/em-picada-cafe-portico-sera-revitalizado/>. Acesso em 05/09/2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Científico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul.** 2 v. Porto Alegre: Globo, 1969.

RUPPENTHAL, Ademar. **Influência cultural na aderência, na satisfação pessoal e social da prática regular da atividade física em idosos do município de Picada Café, RS.** Novo Hamburgo: 2008. 84 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física), Universidade Feevale, 2008.

SCHNEIDER, Maria Nilse. Variação e discriminação linguística no ensino e aprendizagem de línguas em comunidades bilíngues. **Calidoscópico**. Porto Alegre, v.7, n.1, p. 79-85, jan/abr 2009.

Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/4857>. Acesso em 03/10/2020.

SPINASSÉ, Karen Pupp. O hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha. **Espaço Plural**. Cândido Rondon, ano IX, n.19, p.117-126, 2008.

Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/187500/000687867.pdf?sequence=1>.

Acesso em 04/10/2020.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO, Cristiane. **Fonética e fonologia do português brasileiro**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SPERB, Angela Tereza; WERLE, Susana Maria Malmmann (Orgs). **Na trilha dos Lírios**: Escola e comunidade traçam seu futuro através do passado.

Picada Café: Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Desporto e Turismo de Picada Café, 2004.

STEFFEN, Martina. Variação diastrática e diageracional do R-forte em português por falantes bilíngues de hunsriqueano como língua de imigração alemã do Rio Grande do Sul. **Organon** – Revista do Instituto de Letras da UFRGS. Porto Alegre, v.28, n.54, p.241-256, jan/jun 2013.

Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/view/38066>. Acesso em 03/10/2020.